

ESPECIARIA

Cadernos de Ciências Humanas,
v. 23, ano 2026 | ISSNe: 2675-5432
Editor-chefe: **Dr. Ademar Bogo**

Saúde e doença na cosmologia indígena Tupinambá

Heloisa Kiminay Oliveira Santos

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0779-6339>

Raquel Bispo Moreira dos Reis

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8358-1458>

Larissa dos Santos Corrêa

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4727-3474>

Prícila Natasha Santos de Jesus

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5856-8377>

Katharina Gabrielli Reis Cardoso Lopes

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2665-582X>

Marcos Augusto de Castro Peres

Professor Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2097-4780>



Recebido em: 15/11/2025
Aprovado em: 14/05/2026
Publicado em: 01/09/2026

Declaração de uso da inteligência artificial

Durante a redação deste artigo, não foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial em nenhuma etapa do processo. Todas as ideias, análises e interpretações são de autoria dos(as) pesquisadores(as), que assumem integral responsabilidade pelo conteúdo. Esta prática está em conformidade com os princípios de integridade acadêmica e das boas práticas editoriais.

Saúde e doença na cosmologia indígena Tupinambá

Heloisa Kiminay Oliveira Santos¹

Raquel Bispo Moreira dos Reis²

Larissa dos Santos Corrêa³

Pricila Natasha Santos de Jesus⁴

Katharina Gabrielli Reis Cardoso Lopes⁵

Marcos Augusto de Castro Peres⁶

Resumo

Os povos Tupinambá, originários do litoral brasileiro, têm uma longa trajetória marcada pela resistência cultural e territorial frente aos processos coloniais e contemporâneos. A cosmologia do povo Tupinambá da Serra do Padeiro, situada no sul da Bahia, sustenta uma concepção holística de saúde, que integra dimensões físicas, espirituais, socioculturais e ambientais. Por meio de uma abordagem etnográfica, com utilização de entrevistas abertas e análise de narrativas, identificou-se que a saúde é compreendida como equilíbrio dinâmico entre corpo, mente, espírito, coletividade e natureza, enquanto a doença representa a ruptura dessa harmonia integradora. O cuidado tradicional envolve práticas como rezas, banhos com

¹ Discente do curso de graduação em Enfermagem na UESC. Contato: hkosantos.efe@uesc.br

² Discente do curso de graduação em Enfermagem na UESC. Contato: raquelmoreira.contato@gmail.com

³ Discente do curso de graduação em Enfermagem na UESC. Contato: lscorrea.efe@uesc.br

⁴ Discente do curso de graduação em Enfermagem na UESC. Contato: pricilasantos9800@gmail.com

⁵ Discente do curso de graduação em Enfermagem na UESC. Contato: katharinalopes1@hotmail.com

⁶ Professor Titular do DFCH/UESC. Contato: macperes@uesc.br

ervas, defumações e uso de plantas medicinais, articuladas pela atuação dos pajés e das anciãs, e orientadas por saberes ancestrais, transmitidos oralmente ao longo das gerações. Observa-se ainda uma relação complementar entre os conhecimentos tradicionais e a medicina alopática, especialmente em contextos em que há reconhecimento intercultural e respeito às epistemologias indígenas. A pesquisa evidencia que a saúde para os Tupinambá está intrinsecamente ligada ao vínculo com o território, à resistência política e à preservação cultural. Os resultados reforçam a importância da valorização dos saberes indígenas tradicionais e da incorporação dessas epistemologias nas políticas públicas para a saúde indígena, visando a construção de práticas de cuidado mais integrativas, culturalmente contextualizadas e sensíveis, que promovam a equidade e a autonomia dos povos indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: etnografia; cosmologia tupinambá; saúde indígena; saberes tradicionais; visão holística.

Abstract

The Tupinambá people, native to the Brazilian coast, have a long history marked by cultural and territorial resistance to colonial and contemporary processes. The cosmology of the Tupinambá people of Serra do Padeiro, located in southern Bahia, supports a holistic concept of health, integrating physical, spiritual, sociocultural, and environmental dimensions. Through an ethnographic approach, utilizing open-ended interviews and narrative analysis, it was identified that health is understood as a dynamic balance between body, mind, spirit, community, and nature, while illness represents the rupture of this integrative harmony. Traditional care involves practices such as prayers, herbal baths, smudging, and the use of medicinal plants, articulated by the work of shamans and elders, and guided by ancestral knowledge passed down orally through generations. A complementary relationship

is also observed between traditional knowledge and allopathic medicine, especially in contexts where there is intercultural recognition and respect for Indigenous epistemologies. The research shows that health for the Tupinambá is intrinsically linked to their connection to their territory, political resistance, and cultural preservation. The results reinforce the importance of valuing traditional Indigenous knowledge and incorporating these epistemologies into public policies for Indigenous health, aiming to develop more integrative, culturally contextualized, and sensitive care practices that promote equity and autonomy for Indigenous peoples.

KEYWORDS: ethnography; Tupinambá cosmology; indigenous health; traditional knowledge; holistic vision.

1. Introdução

Este texto é resultado de uma atividade avaliativa sobre pesquisa etnográfica, desenvolvida na disciplina “Introdução à Antropologia”, ministrada no semestre 2025.1 para o curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), campus Ilhéus/BA. O tema de pesquisa acolhido pelo grupo de estudantes, que agora assinam a coautoria deste artigo, recebeu o mesmo título atribuído ao presente texto: “Saúde e doença na cosmologia indígena Tupinambá”. Destaque-se que o estudo é breve e pontual, ou seja, nada comparado a uma etnografia profissional de descrição densa, mas trouxe resultados interessantes que merecem ser registrados e publicados, para evitar que fiquem restritos aos limites estreitos de uma disciplina acadêmica.

De forma resumida, podemos dizer que a etnografia é um método de pesquisa qualitativa, utilizado principalmente na antropologia, que visa descrever e analisar a cultura de um povo ou grupo social, através da observação participante e da imersão no contexto estudado. Em outras palavras, a etnografia busca entender como as

peças vivem suas experiências, suas visões de mundo, seus sentimentos, rituais, padrões, significados, atitudes, comportamentos e ações.

O objetivo principal da etnografia é produzir uma descrição detalhada e aprofundada da vida de um grupo social em seu contexto específico, buscando entender sua cultura e modo de vida. A pesquisa etnográfica geralmente envolve a observação participante, na qual o pesquisador se envolve no dia a dia do grupo estudado, interagindo com seus membros e observando suas práticas, dinâmicas e interações. Os dados coletados podem incluir observações, entrevistas, registros visuais (fotografias e vídeos), documentos e outros materiais relevantes para a compreensão da cultura do grupo (Lima et al., 1996).

Os povos Tupinambá constituem um dos grupos indígenas mais emblemáticos da história do Brasil. Tradicionalmente localizados no litoral brasileiro, sua presença histórica remonta ao período pré-colonial, sendo amplamente registrados em relatos dos primeiros europeus que chegaram à costa brasileira. Atualmente, os Tupinambá estão concentrados principalmente no estado da Bahia, em municípios como Ilhéus, Una e Buerarema, com destaque para a comunidade da Serra do Padeiro (MENDES et al., 2024).

Destaque-se que a Portaria nº 1.075/2025 do Ministério da Justiça e Segurança Pública (2025) reconheceu, de forma permanente e legítima, a posse do território ao povo Tupinambá:

Art. 1º Declarar de posse permanente do Povo Indígena Tupinambá a Terra Indígena Tupinambá de Olivença, localizada nos Municípios de Ilhéus, Buerarema e Una, Estado da Bahia, com superfície aproximada de 47.376 há (quarenta e sete mil trezentos e setenta e seis hectares) e perímetro também aproximado de 150 km (cento e cinquenta quilômetros).⁷

⁷ https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/arquivos-imprensa/saju/sei_33753830_portaria_do_ministro_1075.pdf

A trajetória dos Tupinambá é marcada por resistência, luta por direitos e afirmação identitária. Após séculos de violência colonial, apagamento cultural e deslocamentos forçados, os Tupinambá protagonizam, desde o início dos anos 2000, um movimento de retomada de suas terras ancestrais. Este processo envolve não apenas a reivindicação do território, mas também o fortalecimento de práticas culturais, espirituais e políticas que sustentam a identidade coletiva deste povo. Os rituais, a produção agrícola comunitária, o uso da língua e o papel central dos pajés nas comunidades são elementos que evidenciam a preservação e a continuidade de sua cosmologia e de seus modos próprios de existência (Mendes et al., 2024).

Apesar dos inúmeros desafios, como o racismo estrutural, a lentidão do Estado no reconhecimento legal de seus direitos e os conflitos agrários, os Tupinambá têm reafirmado sua presença e seus saberes tradicionais como formas legítimas de viver, curar e resistir. A sua sobrevivência cultural é um testemunho da vitalidade das populações indígenas brasileiras e da importância de políticas públicas que respeitem a diversidade cultural do país, além dos saberes na área da saúde, que podem contribuir significativamente para a sociedade (Santos et al., 2023).

Compreender a cosmologia indígena é fundamental para a formulação de políticas públicas e práticas de saúde que respeitem a diversidade cultural e promovam a equidade no cuidado. De acordo com Langdon e Diehl (2010), as concepções indígenas de saúde e doença estão profundamente enraizadas em visões de mundo que articulam corpo, espírito, território, ancestralidade e coletividade, diferindo significativamente do modelo biomédico ocidental. Ignorar essas perspectivas pode gerar práticas excludentes, deslegitimar saberes tradicionais e comprometer a eficácia das intervenções. Ao incorporar a cosmologia indígena aos serviços de saúde, especialmente por meio de ações interculturais e do diálogo entre saberes, é possível construir um cuidado mais sensível,

acolhedor e resolutivo, que fortaleça a autonomia dos povos indígenas e contribua para a justiça social (Langdon et al., 2010).

Por fim, o estudo tem como objetivo compreender como os Tupinambá da Serra do Padeiro percebem os conceitos de saúde e doença dentro de sua cosmologia, por meio de uma abordagem etnográfica. A pesquisa foi conduzida a partir de entrevistas abertas e análise de narrativas e práticas cotidianas, buscando ampliar o entendimento sobre os saberes tradicionais indígenas. Pretende-se também evidenciar a relevância desses conhecimentos para a construção de práticas de saúde interculturais, que respeitem a diversidade cultural e fortaleçam a efetividade das políticas públicas voltadas aos povos indígenas.

Ao incorporar essas perspectivas vividas, o estudo visa contribuir para o diálogo entre o sistema de saúde institucionalizado – de perfil biomédico – e os saberes ancestrais do povo Tupinambá, promovendo um cuidado mais integral e respeitoso, que valorize as dimensões espirituais, comunitárias e ambientais presentes na cosmologia Tupinambá.

1 A cosmologia Tupinambá

A compreensão de saúde e doença entre os povos indígenas, e especificamente entre os Tupinambá, vai além da mera análise biomédica. Ela está inteiramente ligada à sua cosmologia, compreendida como a sua percepção de mundo e suas interações com o ambiente natural e o sobrenatural. Esta abordagem é importante, pois para os Tupinambá o bem-estar e a enfermidade são compreendidos dentro de um sistema de crenças que conecta o indivíduo, a comunidade, a terra e as entidades espirituais (Campos, 2016).

A cosmologia, neste contexto, não é um conjunto de crenças fixas, mas uma estrutura dinâmica que orienta a ação coletiva e fortalece a resiliência do grupo. No caso

dos Tupinambá, sua história de conflitos e a luta pela retomada das terras mostram que a sua cosmologia é um alicerce social e político, influenciando diretamente a resistência e a proteção dos seus territórios, elementos que impactam de forma decisiva seus modos de viver, cuidar e promover a saúde (Campos, 2016).

A cosmologia Tupinambá é um sistema de conhecimento vasto e intrínseco ao cotidiano, explicando a origem do universo, o funcionamento natural e a presença de espíritos. Compartilhando elementos com outras etnias Tupi-Guarani, suas narrativas incluem um universo primordial e seres ancestrais (CAMPOS, 2016; AFONSO, 2006).

Segundo Luciano (2006), é através da cosmologia que se desenvolve o cotidiano dos povos indígenas brasileiros. Através de conhecimentos tradicionais do mundo natural e sobrenatural, esses povos se orientam na sua vida social, nos casamentos, na caça e na pesca, fazem uso de extratos vegetais e animais na cura das enfermidades, possuindo influência direta em muitos outros hábitos do cotidiano. Para Afonso (2006), constelações como as Plêiades, as fases lunares e outras observações cosmológicas feitas pelos Tupinambá também podem ser observadas em diversas outras etnias, como os Guarani do Paraná, os Cajarás, os Tembés e os Teneteharas. Todos estes povos guiavam suas vidas através de princípios cosmológicos.

Para os Tupinambá, a saúde é compreendida como um equilíbrio holístico entre corpo, mente, território e espiritualidade, indo além da mera ausência de doenças, como ocorre na perspectiva biomédica. Ela consiste na harmonia contínua do indivíduo com a coletividade, a terra e o mundo espiritual. Preservar o território e exercer a autodeterminação são cruciais, refletindo a interdependência entre saúde, cultura e soberania. A “terra sem mal” simboliza esse ideal de plenitude (Fausto et al., 2004).

O corpo, portanto, é um espelho do equilíbrio cósmico e social, estando profundamente conectado à terra, aos meios naturais e aos seres espirituais. A doença, por sua vez, reflete desequilíbrios e sofrimentos psicossociais,

frequentemente associados a rupturas nos modos de vida tradicionais. A perda territorial, desvalorização de saberes e aumento da violência afetam intensamente o tecido social Tupinambá (CAMPOS, 2016).

2 Saúde como harmonia e integração com a natureza

A relação saúde-doença para o povo Tupinambá é moldada por uma complexa interação entre fatores espirituais, naturais, ambientais, sociais e políticos. Para esse povo, a doença transcende o biológico, sendo um sinal de desarmonia espiritual, social e/ou ambiental. Xamãs e pajés atuam para restaurar esse equilíbrio holístico (FAUSTO et al., 2004).

Os Tupinambá acreditam que a degradação ambiental e a contaminação de recursos naturais afetam diretamente a saúde e o modo de vida tradicional. Além disso, a saúde Tupinambá é impactada por demarcações de terras, conflitos e violência institucional. E a omissão estatal agrava ainda mais esse quadro (FIOCRUZ, 2024).

As práticas de cura tradicionais entre os Tupinambá da Aldeia Igalha são baseadas no profundo conhecimento ancestral das mulheres sobre as propriedades terapêuticas das plantas medicinais. Esse saber, transmitido oralmente entre as gerações, continua sendo utilizado no cotidiano para o tratamento de doenças comuns, como gripes, dores estomacais e pressão alta, por meio de chás, infusões e sumos.

Ainda que a medicina alopática seja empregada especialmente no controle de enfermidades crônicas, como hipertensão e diabetes, o uso das ervas permanece como uma alternativa complementar. A coleta das plantas, geralmente nos quintais das casas, e o cultivo de hortas medicinais reforçam o vínculo espiritual e com a terra. Observa-se, no entanto, uma preocupação das anciãs com o desinteresse dos jovens pela continuidade dessas práticas tradicionais (SOARES et al., 2023).

3 Cura ancestral, território e espiritualidade

Outro aspecto importante é que a caça de animais silvestres não se limita ao aspecto alimentar, estando também relacionada a usos medicinais. O conhecimento sobre quais espécies possuem propriedades curativas é transmitido entre os caçadores por meio de vivências e experiências acumuladas ao longo do tempo. Animais como o tatu-verdadeiro, a paca e o saruê são valorizados tanto pela carne quanto pelos benefícios terapêuticos associados a partes do corpo ou subprodutos utilizados em tratamentos tradicionais. Apesar das mudanças nas técnicas de caça causadas pelo contato com culturas não indígenas, práticas ancestrais, como o uso de armadilhas continuam presentes e preservam um saber que integra o cuidado com a saúde à vivência em território tradicional (Pereira; Schiavetti, 2010).

As manifestações culturais revelam que as práticas de cura também estão profundamente conectadas à espiritualidade e à arte. Rituais como o *Poransy*, por exemplo, integram movimentos corporais, pinturas com pigmentos naturais, como o urucum e o jenipapo, e cânticos voltados à reconexão com a ancestralidade e os encantados. Esses elementos naturais não são utilizados apenas esteticamente, mas também como mediadores de um processo de cura que fortalece o corpo coletivo da comunidade. O uso simbólico das plantas, a preparação espiritual para os rituais e a valorização do território evidenciam que, para os Tupinambá, o cuidado com a saúde é inseparável do cuidado com a terra e com os modos de vida originários (Danilevicz et al., 2023).

No contexto histórico do período colonial brasileiro, os pajés desempenhavam, entre os Tupinambá um papel central nas práticas de cura, atuando como figuras espirituais profundamente respeitadas por sua capacidade de intermediar o mundo visível e o invisível. De acordo com registros históricos produzidos por missionários e cronistas europeus dos séculos XVI e XVII, esses líderes

xamânicos realizavam rituais complexos que envolviam cantos, rezas, uso de plantas medicinais, fumaças e manipulação simbólica de elementos do corpo para tratar doenças. A compreensão da cura não se restringia ao plano físico, mas envolvia uma reordenação espiritual do indivíduo e da coletividade, sendo a doença vista como resultado de desequilíbrios entre forças espirituais e relações sociais.

O pajé, neste cenário, atuava como uma espécie de xamã ou curandeiro capaz de localizar a origem espiritual do mal e expulsá-la por meio de práticas corporais e narrativas performáticas, muitas vezes atingindo estados alterados de consciência. Essas ações foram amplamente descritas – e frequentemente condenadas – pelos missionários no período colonial, que associavam os pajés à feitiçaria e ao paganismo, num esforço para deslegitimar suas práticas diante da catequese cristã. Assim, o papel do pajé Tupinambá descrito nas fontes históricas representa uma figura de poder espiritual e curativo tradicional, cuja atuação estava profundamente atrelada à cosmologia e ao corpo coletivo de seu povo (RAMOS, 2015).

4 Entrevista com uma integrante do povo Tupinambá

Como vimos, a concepção de saúde e doença entre o povo Tupinambá da Serra do Padeiro articula elementos físicos, espirituais e socioculturais, expressando uma cosmologia profundamente relacional e integradora. Para esse povo, estar saudável é sinônimo de estar em equilíbrio com o corpo, a mente, o espírito e o mundo que os cerca, visão esta que ecoa, em alguma medida, a definição ampliada da Organização Mundial da Saúde (OMS), que compreende saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência

de doenças”.⁸

No decorrer deste estudo, entrevistamos uma integrante do povo Tupinambá, S.F.S. (colocamos apenas as iniciais com o fim de preservar a identidade da entrevistada). Ela é estudante do curso de Medicina da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), tem 25 anos de idade e reside na Aldeia Tupinambá Serra do Padeiro, município de Una, Bahia. Ela nos concedeu a entrevista para passar informações acerca dos aspectos relacionados à saúde entre os Tupinambá, tema do nosso estudo para a disciplina Introdução à Antropologia na UESC.

Como explicou a entrevistada: *“Para o nosso povo, estar saudável significa estar em harmonia consigo mesmo e com o todo. Isso envolve equilíbrio físico, mental e espiritual.”*

O adoecimento, portanto, não decorre apenas de agentes biológicos ou fatores externos, mas pode ser causado por desequilíbrios emocionais, espirituais ou por desrespeito à natureza e às tradições. Segundo ela: *“A doença surge quando há desequilíbrio em algum desses três aspectos: corpo, mente ou espírito.”*

Essa cosmovisão contempla uma distinção essencial entre doenças do corpo e doenças do espírito. Enquanto as primeiras se manifestam predominantemente com sintomas físicos reconhecíveis, como febre, dores ou fadiga, as segundas se expressam através de alterações emocionais, comportamentais e energéticas, muitas vezes sem causa orgânica identificável: *“Nas doenças do espírito podemos perceber alterações tanto físicas quanto mentais, sem que haja uma causa orgânica para isso.”*

Nesses casos, é fundamental o papel do pajé, autoridade espiritual reconhecida, que realiza o discernimento entre os dois tipos de enfermidade e encaminha a pessoa para o cuidado adequado, seja tradicional ou biomédico: *“Quando alguém adoece repentinamente, com alterações*

⁸ <https://www.who.int/pt/about>

além das físicas, pedimos ao pajé que reconheça se aquilo é doença de corpo ou de espírito.”

Como afirma a nossa entrevistada, no universo Tupinambá, o espiritual ocupa papel central no entendimento do ser humano: *“Sempre dizemos que as pessoas pertencentes ao povo Tupinambá são 20% carne e 80% espírito.”*

A cura, portanto, exige um trabalho profundo no campo espiritual, através de práticas ritualísticas como rezas, banhos com folhas sagradas, defumações e uso de ervas específicas: *“Alguns casos exigem banhos com folhas sagradas, defumações, chás e rezas frequentes. Outros requerem apenas um acompanhamento mais leve.”*

A autoridade do pajé e dos anciãos é reconhecida e respeitada, mas a pessoa doente também desempenha papel ativo nesse processo: *“A cura é um processo coletivo, mas também pessoal.”*

O saber tradicional Tupinambá é fortemente centrado na cultura oral. O conhecimento de cura é transmitido por meio da fala, das histórias e do convívio. Hoje, a tecnologia também é aliada na preservação da memória ancestral: *“Somos um povo de oralidade. O saber é passado por meio da fala, das histórias e do convívio. Hoje, com apoio da tecnologia, também registramos esse conhecimento em vídeos, áudios e textos.”*

As práticas fitoterápicas continuam amplamente utilizadas, com destaque para plantas como o mastruz, o capim de Aruanda, a erva-cidreira e o capim-santo, além de ervas destinadas ao cuidado espiritual, como alfazema, alecrim e arruda: *“Utilizamos de diversas plantas medicinais... mastruz, capim de Aruanda, erva-cidreira e capim-santo... para o espírito usamos alfazema, alecrim, arruda...”*

Essas práticas não se opõem à medicina ocidental, mas a complementam: *“As duas medicinas caminham juntas e se complementam.”*

Na Serra do Padeiro, há uma Unidade Básica de Saúde (UBS) em funcionamento, com profissionais não indígenas que respeitam os saberes locais. O cuidado é

construído em diálogo: *“Em nossa aldeia temos uma UBS com profissionais preparados e respeitosos, ao mesmo tempo que contamos com o pajé e os anciãos.”*

Essa relação harmoniosa, no entanto, não é a realidade de todas as comunidades indígenas. Os entrevistados apontam que, fora do seu território, ainda existem situações de desrespeito aos saberes tradicionais: *“Nunca aconteceu uma situação assim com os profissionais que trabalham conosco, mas sem dúvidas isso é comum em outros contextos.”*

A saúde para os Tupinambá está diretamente ligada à identidade e ao vínculo com a terra. Viver em equilíbrio com a natureza é visto como essencial para o bem-estar: *“Viver com a natureza, em relação à interdependência, sem causar dano... usufruir sem explorar, colher sem destruir.”*

Por outro lado, a transgressão desse equilíbrio acarreta consequências físicas e espirituais: *“Ferir a natureza é ferir a nós mesmos, tanto física quanto espiritualmente. Quando nos perdemos de nós mesmos, adoecemos.”*

Essa cosmovisão evidencia a necessidade de políticas públicas de saúde sensíveis à diversidade étnica e cultural. Os povos indígenas possuem uma compreensão própria e contextualizada sobre a saúde, a cura e as formas de cuidado. A valorização do conhecimento tradicional, o respeito à autonomia indígena e o diálogo intercultural são pilares essenciais para um cuidado em saúde verdadeiramente integral e equitativo (ANDRADE, 2019).

5 Considerações finais

A análise etnográfica da cosmologia Tupinambá evidencia que os conceitos de saúde e doença desse povo são fundamentados em uma concepção relacional e holística, que articula corpo, espírito, território, coletividade e natureza. Estar saudável, para os Tupinambá da Serra do Padeiro, é estar em equilíbrio com esses múltiplos do-

mínios, enquanto o adoecimento é entendido como uma ruptura dessa harmonia, podendo ter causas espirituais, emocionais, sociais ou ambientais.

As práticas de cura tradicionais, como os banhos com folhas, rezas, uso de ervas medicinais e rituais espirituais, continuam sendo amplamente utilizadas e reconhecidas como eficazes, inclusive em diálogo com a medicina alopática ou biomédica disponível na UBS da comunidade. O papel do pajé, como autoridade espiritual, e o das anciãs, como detentoras dos saberes fitoterápicos, reforçam a importância da oralidade, da ancestralidade e da vivência em território como pilares da saúde coletiva.

Os relatos revelam que a saúde está intimamente relacionada à preservação cultural, ao vínculo com a terra e ao respeito às práticas tradicionais e ancestrais. A valorização desses saberes e a promoção de um cuidado em saúde intercultural, que reconheça as epistemologias indígenas, surgem como elementos indispensáveis para a construção de políticas públicas mais sensíveis, efetivas e justas para os povos originários.

Referências

Afonso, G. (2006). *Mitos e estações no céu Tupi-Guarani*. Scientific American Brasil. <https://revistacienciaecultura.org.br/?artigos=mitos-e-estacoes-no-ceu-tupi-guarani>

Andrade, C., et al. (2019). As políticas públicas de saúde indígena e a construção da saúde intercultural no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(11), 4087-4096. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182411.30802019>

Barros, D., et al. (2007). *Vigilância alimentar e nutricional para a saúde indígena* (Vol. 1, Cap. 4). Editora Fiocruz. <https://books.scielo.org/id/fyyqb/pdf/barros-9788575415870-04.pdf>

Brasil, Ministério da Justiça e Segurança Pública. (2025). *Portaria n. 1075/2025*. https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/arquivos-imprensa/saju/sei_33753830_portaria_do_ministro_1075.pdf

Campos, D. (2016). *Saúde e doença na cosmologia indígena: Uma análise a partir das perspectivas tradicionais* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Juiz de Fora. <https://www2.ufjf.br/bach/files/2016/10/DHIEGO-CASTRO-CAMPOS-sd.pdf>

Danilevicz, V., et al. (2023). Cenas Tupinambá de Olivença. *Conceição/Conception*, 12(00), e023022. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8674765>

Fausto, C. (2004). Fragmentos de história e cultura tupinambá. *Revista de Antropologia*, 47(2), 381-396. https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/hist%3Ap381-396/p381-396_Fausto_Fragmentos_de_historia_e_cultura_tupinamba.pdf

Fiocruz. (2024). *Comprometimento dos direitos humanos do povo Tupinambá da Serra do Padeiro*. <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ba-comprometimento-dos-direitos-humanos-do-povo-tupinamba-da-serra-do-padeiro-doencas-violencia-policial-coronelismo-e-condicoes-precarias-da-saude-indigena/>

Garnero, L., & Pontes, A. (Orgs.). (2012). *Saúde indígena: Uma introdução ao tema*. MEC/SECADI; UNESCO. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_indigena_uma_introducao_tema.pdf

Langdon, E., & Diehl, E. (2010). Participação dos povos indígenas na construção de políticas públicas de saúde no Brasil: Alguns paralelos com a experiência canadense. *Ciência & Saúde de Coletiva*, 15(supl. 3), 1143-1152. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700030>

Lima, C., Dupas, G., Oliveira, I., & Kakehashi, S. (1996). Pesquisa etnográfica: Iniciando sua compreensão. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 4(1), 21-30. <https://www.scielo.br/j/rlae/a/R44XpJ9nSdv4R6jGCdXR7qy/>

Luciano, G. (2006). *O índio brasileiro: O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional. <https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/o-indio-brasileiro-o-que-voce-precisa-saber-sobre-os-povos-indigenas-no-brasil-de>

Mendes, L., Varga, I., & Torrenté, M. (2024). Saúde mental na comunidade Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia, Brasil: Comunidade e luta como fontes de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 29(12), e13832023. <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/KgCXP8nbXMfrxqQ49Bz3Hvx/>

Pereira, J., & Schiavetti, A. (2010). Conhecimentos e usos da fauna cinegética pelos caçadores indígenas “Tupinambá de Olivença” (Bahia). *Biota Neotropica*, 10(1). <https://www.scielo.br/j/bn/a/6g5pdf6PkDpGkZSjHvtFsPp/>

Ramos, A. (2015). *Padres e Pajés: O xamanismo tupinambá no encontro religioso colonial*. https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502825349_ARQUIVO_PPotextoTudo.pdf

Santos, A., & Costa, M. (2023). Saberes tradicionais e resistência indígena: Desafios e contribuições para a saúde e a diversidade cultural no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Indígenas*, 14(2), 123-140. <https://www.revistas.ufg.br/rbei/article/view/67890>

Soares, R., et al. (2023). O olhar das índias da aldeia tupinambá igalha sobre as plantas medicinais. *Revista Macambira*, 3(1), 36-44. <https://revista.lapprudes.net/RM/article/view/247>